

GÊNERO E RELIGIÃO: O TRÂNSITO RELIGIOSO DE HOMENS E MULHERES METODISTAS NA CIDADE DE VOLTA REDONDA, RJ

Hugo Gonçalves de Freitas*
Sandra Duarte de Souza**

RESUMO

Diante da modernidade contemporânea, homens e mulheres interagem de forma diferente com o campo religioso, e, isso dá-se, em parte, devido às diferentes relações de gênero existentes em nossa sociedade. O presente artigo tem como objetivo relacionar o trânsito religioso às diferentes demandas de gênero dos sujeitos modernos. A pesquisa foi realizada em caráter de iniciação científica, tem sido apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e está vinculada ao projeto **Trânsito Religioso e Reinvenções Femininas do Sagrado na Modernidade**, de Sandra Duarte de Souza. O campo de análise foram as Igrejas Metodistas na cidade de Volta Redonda, RJ, tendo sido aplicados 120 questionários, sendo 61,7% dos consultados mulheres e 38,3% homens. Assim, a pesquisa permitiu-nos observar que mulheres e homens, embora por razões distintas, seguem recorrendo à fé religiosa para solução de seus problemas cotidianos tendo em mente que a fé não está, necessariamente, restrita a uma instituição religiosa. Os distintos motivos que movem homens e mulheres para a religião estão fortemente pautados na socialização de gênero desses sujeitos.

Palavras-chave: modernidade; secularização; trânsito religioso; gênero.

* Aluno da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo – UMESp. Bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Email: hugo_metodista@yahoo.com.br

** Doutora em Ciências da religião, professora do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – UMESp e coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião – Mandrágora/Netmal. Email: sanduarte@uol.com.br

GÉNERO Y RELIGIÓN: TRÁNSITO RELIGIOSO DE LOS HOMBRES Y LAS MUJERES METODISTAS EN LA CIUDAD DE VOLTA REDONDA - RJ.

RESUMEN

Dada la modernidad contemporánea hombres y mujeres interactúan de forma diferente con el campo religioso y esto se debe, en parte, debido a las diferentes relaciones de género en la sociedad. Este artículo tiene como objetivo relacionar el tránsito religioso con las diferentes demandas de género de los sujetos modernos. La investigación se realizó con el apoyo de la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, y está relacionado con el proyecto Trânsito Religioso e Reinvenções Femininas do Sagrado na Modernidade, de Sandra Duarte de Souza. El campo de análisis fueron las iglesias metodistas en la ciudad de Volta Redonda – RJ, que se aplicaron 120 cuestionarios, el 61,7% de los cuestionarios son mujeres y 38,3% son hombres. Por lo tanto, la investigación nos permitió observar que las mujeres y los hombres, aunque por diferentes razones, siga recurriendo a la fe religiosa para resolver sus problemas cotidianos sabiendo que la fe no se limita, necesariamente, a una institución religiosa. Los diferentes motivos que mueven a los hombres y mujeres a la religión están fuertemente guiado por la socialización de género de estos sujetos.

Palabras clave: Modernidad, Secularización, Tránsito religioso; Género.

Gender and religion: the religious transit of Methodist men and women in Volta Redonda – RJ.

ABSTRACT

Facing contemporary modernity, men and woman interact with religion differently because of the different relations of gender in our society. This article aims to relate the religious transit with the different demands of gender of modern individuals. The research was made with support from Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, and it is linked to the project Trânsito Religioso e Reinvenções Femininas do Sagrado na Modernidade, by Sandra Duarte de Souza. The field of analysis were Methodist churches in Volta Redonda – RJ, where 120 questionnaires were applied, 61,7% to women and 38,3% to men. Thus, the research shows that women and men, though for different reasons, continue seeking in religious faith a solution for their daily problems, bearing in mind that faith is not, necessarily, restricted to a religious institution. The different

motives that move men and women to religion are strongly guided by the gender socialization of these subjects.

Keywords: Modernity. Secularization. Religious transit. Gender.

INTRODUÇÃO

A modernidade que, a princípio desenvolveu-se culturalmente pelas ideias iluministas, expandindo ainda mais suas estacas com o desenvolvimento da sociedade industrial, agora reflete consequências em todos os campos da sociedade atual e define, claramente, uma conversão em atitudes humanas. O ser humano torna-se sujeito social. De observador passa a transformador, que não pensa em função do que já existe na realidade ao seu redor, mas entende-se poderoso para criar a realidade que o cerca em função de seu pensamento. O indivíduo moderno percebe a inexistência de um dogma natural – que existe objetivamente por si mesmo. E, assim, toma consciência de que as leis que o cercam e o ambiente à sua volta não estão alheios à sua vida social e à sua vontade, porém podem ser reordenados e até recriados por ele.

Um componente que é, ao mesmo tempo, fruto e catalizador dessa nova forma de vida da sociedade é a secularização que, em um processo contínuo, retira a religião do centro de doação de sentido à vida individual e coletiva da sociedade e abre diferentes caminhos para que o livre ser humano escolha as alternativas que melhor se encaixem à visão de mundo.

Quando iniciado seu uso, o termo secularização referia-se à transferência de um clérigo regular ao estado de laicidade ou secular. Mais adiante, o conceito passou a ser direcionado ao ato de subtração de territórios do controle eclesiástico. Desse conceito jurídico-político, o termo passou ao campo filosófico-ideológico com a impulsão de grupos do processo de afirmação da burguesia. Assim, esses grupos agiam de modo a reduzir a influência da igreja nos setores sociais, especialmente nos campos da educação e da cultura. Hoje, o termo é usado como referência ao processo de autonomia da sociedade, que deseja orientar-se a si mesma, em relação à religião (MARTELLI, 1995, p. 247; MARRAMAO, 1997, p. 17; HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 37).

Logo, em face das necessidades de sentido para sua vida e ante essa liberdade de escolhas que as diversas instituições proporcionam,

o sujeito moderno e secularizado vê a religião como mais uma dentre as diferentes propostas da sociedade. E, da mesma maneira, o campo religioso pode ser trilhado de modo que o indivíduo possa provar e beneficiar-se do melhor que cada grupo religioso tem a oferecer (ALMEIDA, 2004, p. 20; SOUZA, 2006.a, p. 39; PORTELLA, 2008, p. 46; COELHO, 2009, p. 22).

Nesse contexto de busca, nasce o fenômeno hoje conhecido como trânsito religioso que se constitui o movimento de pessoas e ideias entre as diferentes religiões e é encarado de maneira diferente pelas instituições e pelos fiéis transeuntes. Enquanto representa uma ameaça ao poder daquelas, para estes é a plena liberdade de escolha e a facilidade do *self service* religioso (ALMEIDA e MONTERO, 2001, p. 93; COELHO, 2009, p. 21).

Entre os próprios indivíduos modernos, como em diversos setores da sociedade, homens e mulheres também interagem de forma diferente com o campo religioso, e isso dá-se, em parte, devido às diferentes relações de gênero existentes em nossa sociedade. Sobre gênero, Unbehau (2002, p. 4) observa-o como um definidor de como as diferenças culturais são construídas, “uma linguagem, uma forma de comunicação, uma forma de ordenar o mundo, que orienta a conduta das pessoas na maneira como elas vão se relacionar com as outras” e a forma de ver e compreender a realidade. Alves (2011, p. 12) afirma que essa formação social é que define os lugares e os papéis que homens e mulheres devem desempenhar nas relações sociais, todavia, a modernidade vem abalando as rígidas estruturas definidoras de papéis sociais – até então androcêntricas – e redimensionando o lugar de homens e mulheres na sociedade.

Sobre essa mudança pela qual a sociedade tem passado, Lemos (2006, p. 58) aponta que é natural que a religião também mude, uma vez que está envolvida em todos os aspectos sociais e culturais dos indivíduos e é responsável pela criação ou manutenção de representações sociais e de gênero.

Tendo essa realidade contemporânea como pano de fundo, o presente artigo tem como objetivo apresentar alguns dados da pesquisa **Protestantismo e trânsito religioso: trajetória religiosa de fiéis das igre-**

jas metodistas em Volta Redonda, RJ relacionando o trânsito religioso às diferentes demandas de gênero dos sujeitos religiosos modernos.

Como metodologia, foi aplicado um questionário a quatro igrejas previamente selecionadas em diferentes áreas da cidade de Volta Redonda, RJ, sendo três igrejas localizadas na periferia e uma no centro da cidade, buscando uma diversidade socioeconômica que valorize os contornos do campo religioso e possibilite uma nitidez na interpretação dos dados. Os indivíduos selecionados para a pesquisa foram os frequentadores e frequentadoras da Igreja Metodista maiores de 18 anos. O questionário foi aplicado com autorização do pastor ou da pastora titular da igreja local no dia e horário mais adequados. Foram validados e analisados 120 questionários.

A cidade de Volta Redonda é a décima cidade mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, com 257.803 habitantes e uma população urbana de 99%, segundo o Censo 2010. No contexto eclesial, a cidade é a quinta com o maior número de Igrejas Metodistas e possui a oitava maior Igreja Metodista de todo o Estado do Rio de Janeiro. No Brasil, a Igreja Metodista possui 214.715 membros, segundo relatório de seu Colégio Episcopal apresentado no último Concílio Geral em 2011, dos quais 105.632 estão no Estado do Rio de Janeiro, dados que representam que 49,2% da Igreja Metodista estão nesse Estado. De acordo com dados da própria instituição¹, os metodistas no Rio de Janeiro tiveram um aumento de 29,23% em relação ao ano de 2006, e, no Brasil, o crescimento dos metodistas, foi de 20,84% em relação ao mesmo período.

De acordo com o Censo 2010, os metodistas no Brasil somam 340.938 – 43,7% representam homens; 56,3%, mulheres. O Estado do Rio de Janeiro comporta 142.204 dos metodistas, o que representa 41,7% da denominação em todo o país. É importante lembrar que os dados do censo que representam a Igreja Metodista incluem outras denominações, como a Igreja Metodista Livre, Igreja Metodista Wesleyana entre outras.

Diante da singularidade de Volta Redonda, que se destaca como uma das cidades do Rio de Janeiro com maior concentração de metodistas, também não nos passa despercebido o fato de haver um

¹ Segundo relatório do Colégio Episcopal da Igreja Metodista apresentado no último Concílio Geral da Igreja em 2011. Disponível em: <http://www.metodista.org.br/igreja-metodista-tem-mais-de-210-mil-membros-no-brasil>. Acesso em: 20 out. 2013.

contingente majoritário de mulheres adeptas dessa denominação. Esse foi o ponto de partida para a pergunta pelas motivações de gênero de homens e mulheres em relação à adesão religiosa. Considerando gênero uma categoria relacional, nossa preocupação foi a de revelar tais motivações como produto das relações sociais de sexo.

GÊNERO, RELIGIÃO E SOCIEDADE

Relacionando religião e gênero, Machado (2005, p. 388s) observa que a opção de ingressar em determinado movimento religioso é resultado de experiências de vida próprias de homens e de mulheres. Os homens tendem a recorrer à religião em situações em que sua identidade masculina perante a sociedade se vê ameaçada, enquanto as mulheres assumem a responsabilidade de cuidar daqueles que integram sua família e buscam o auxílio religioso quando ela mesma ou algum ente querido padece de algum cuidado, físico ou espiritual.

Giffin (2002, p. 105) destaca que a contemporaneidade traz consigo uma atualização ideológica de gênero na qual a “nova mulher independente” controla sua fecundidade, compete no mercado formal e possui a própria renda, embora os trabalhos realizados pelas mulheres, na maioria das vezes, estejam relacionados às habilidades domésticas e ainda serem mal remuneradas. Para a autora, “gênero é um sistema entre outros que atua de forma interlaçada no plano social, com resultados às vezes contraditórios, diferentes para mulheres (e homens) em variadas situações”. Logo, deve ser abordado sob a perspectiva de que se relaciona e interage com outros fatores sociais, como classe, etnia, gerações diferentes e cultura (GIFFIN, 2002, p. 109).

Entre as diferenças de gênero observadas entre os entrevistados, destaca-se a faixa salarial. Dos 80,8% que citaram a faixa salarial na qual estão inseridos, 55,7% são mulheres, e 44,3% são homens. Isso representa que 93,5% dos homens entrevistados possuem uma renda mensal, enquanto, entre as mulheres, esse percentual é de 73%, das quais 77,8% ganham entre um e três salários mínimos; 16,7% ganham entre quatro e dez salários; 5,5% ganham mais de dez salários. Entre os homens, os que ganham entre um e três salários mínimos são 55,8%, enquanto os que estão na faixa de quatro a dez são 32,6%, e, acima disso, estão 11,6% dos homens.

Assim, observa-se que, nas Igrejas Metodistas em Volta Redonda, entre os que possuem uma renda, existem percentualmente mais mulheres que homens ganhando entre um e três salários mínimos e quase o dobro de homens em relação às mulheres ganhando acima disso. Essa proporção pode concordar com Batista e Cacciamali (2009, p. 97, 98) que afirmam que quando “inserida no mercado de trabalho, a mulher apresenta uma média salarial inferior à masculina. Mesmo com a redução da diferença salarial entre homens e mulheres observada nos últimos anos, o primeiro grupo ganha, em média, 60% a mais do que o segundo”. Um diferencial para esse fato seria o grau de escolaridade, todavia a tabela a seguir mostra que, entre os alfabetizados, existem, percentualmente, mais homens que mulheres apenas na faixa do ensino fundamental completo. Essa tabela ratifica os dados de Matos e Machado (2006) que observam que, desde 1979, as mulheres adquirem paulatinamente mais anos de estudo em relação aos homens.

Tabela 1 – Relação escolaridade e sexo

	Mulheres	Mulheres %	Homens	Homens %	Total %
Não alfabetizado	2	100	0	0	1,67
Fundamental incompleto	13	59,1	9	40,9	18,33
Fundamental completo	4	40,0	6	60	8,33
Médio incompleto	10	71,4	4	28,6	11,67
Médio completo	21	65,6	11	34,4	26,67
Superior incompleto	5	62,5	3	37,5	6,67
Superior completo	14	60,9	9	39,1	19,17
Pós-graduação	5	55,6	4	44,4	7,5

Os entrevistados constituem um universo no qual 61,7% são mulheres, e 38,3% são homens, um número que se destaca, sendo a média de mulheres da cidade de 53,3% e do Brasil de 51%, segundo dados do Censo IBGE 2010², que aponta, ainda, para o fato de 56,3%, dos que se disseram metodistas, serem mulheres.

² Dados visualizados no site <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 30 jan. 2013.

Essa alta busca de mulheres pelas Igrejas Metodistas em Volta Redonda pode estar relacionada ao fato de que, das pessoas que estão separadas ou viúvas, 82,3% são mulheres, das quais 71,4% estão desempregadas, e, de todos que buscaram a religião devido à solidão, 80% são do sexo feminino. Assim, essas mulheres podem estar em busca de um convívio social no grupo religioso e, pelo fato de não estarem inseridas no mercado formal de trabalho, doam mais de seu tempo à comunidade religiosa, a qual, por sua vez, a auxiliará no processo contrário à solidão e proporcionará significado às suas vidas por meio de uma atividade em diversos ministérios da igreja.

GÊNERO, TRADIÇÃO E TRÂNSITO RELIGIOSO

Para se compreender o sujeito contemporâneo, é necessário ter em mente que hoje vive-se um tempo que ultrapassa os limites da modernidade, e, como verificou Bosi (1992, p. 22), esse tempo é marcado pela crise da crença no progresso contínuo. Crise que se instaurou após a verificação de que o avanço tecnológico, além dos prejuízos incomensuráveis à natureza, não foi capaz de solucionar os problemas da miséria e das desigualdades sociais, complicando ainda mais o processo de humanização entre os povos, além de revolucionar as relações do indivíduo com o tempo e o espaço e de criar, segundo o pensamento de Giddens (1997, *passim*), um ambiente em que as noções de perigo, de risco e desconfiança são as sombras ao redor de cada indivíduo contemporâneo.

Naturalmente, essa nova forma do indivíduo ver a si mesmo e a sociedade à sua volta reflete diferenças na relação desse sujeito com a religião. No centro dessa tensão do fim da Idade Média está o absoluto governo da igreja, que, com diversos setores da sociedade, passa pelos questionamentos dessa nova ordem social. Assim, no campo da religião, em que grandes embates foram travados na transição do pensamento medieval para o moderno, é possível encontrar significativos elementos que possibilitem a identificação dos traços desse novo modo de vida do ser humano. Beck (1997, p. 13) concorda que o atual momento social é a “radicalização da modernidade, que invade as premissas e os contornos da sociedade industrial e abre caminhos para outra modernidade” e ainda que “é a modernização da modernização”.

Relacionando gênero à sociedade atual, Aboim (2008, p. 562s) afirma que o sistema familiar patriarcal tem sofrido duros golpes em suas estruturas, uma vez que homens e mulheres passam a transgredir as barreiras impostas por esse ideal e ocupam espaços que, anteriormente, lhes eram vedados, ou, no mínimo, desaconselhados a ocuparem. As mulheres ratificaram seus direitos sociais na esfera pública; os homens perderam a hegemônica figura de provedor e autoridade; e o indivíduo valoriza-se em suas escolhas, cada vez menos guiadas por fatores externos e crescentemente compreendidas no âmbito da subjetividade.

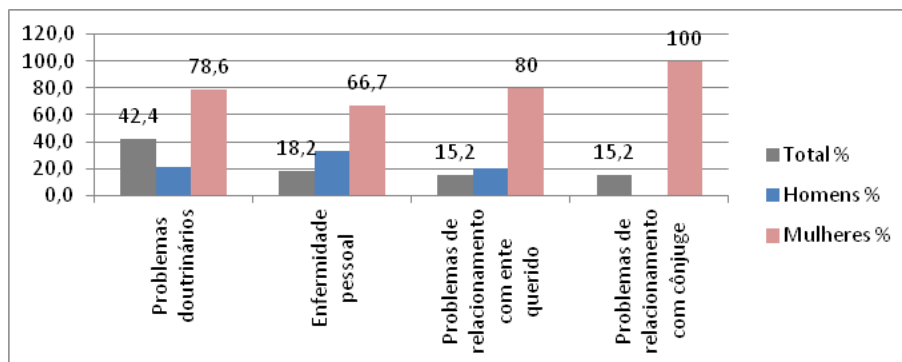
Assim, a religião dos pais e das mães não é mais, necessariamente, a mesma dos filhos e das filhas. Nas Igrejas Metodistas em Volta Redonda, RJ, 53,3% de seus frequentadores vieram de outro grupo religioso, e desses, 45,6% vieram da Igreja Católica que se diz ser a fiel guardiã da tradição apostólica. Observa-se que o fato de nascer sob certa tradição religiosa não impossibilita, no futuro, a opção por outra ou outras organizações que respondam melhor às demandas de cada indivíduo.

Isso ratifica-se no fato de que, ao pedir para justificar a mudança de um grupo religioso para outro (gráfico 1) dos que responderam objetivamente, 42,4% disseram que a razão de terem mudado de grupo religioso foram os “problemas doutrinários”. Desses, 78,6% eram mulheres; 21,4%, homens. Ao pedir para descreverem o tipo de problema doutrinário, 42,9% das respostas foram: “culto aos santos”, “deixei de crer em imagens”, “idolatria” e “os santos nunca me responderam”.

De fato, 78,6% dos que mudaram de religião devido à doutrina, foram anteriormente católicos, cuja afirmação dos santos como mediadores entre Deus e a humanidade é muito presente. Isso pode nos fornecer algumas pistas sobre esse assunto, uma vez que a doutrina é protegida pela tradição, e, esta ao ser ameaçada, deixa aquela vulnerável.

Berger (1985, p. 93) afirma que a melhor maneira de validar uma doutrina é fazer as pessoas pensarem que ela sempre foi assim, e, quanto mais longínqua for essa memória, ou seja, quanto mais firme for a tradição, melhor estará fixada a doutrina na mente das pessoas. Assim, percebemos que os vínculos institucionais também sofrem com a perda da tradição. No momento em que a tradição perde sua força social, a doutrina fica vulnerável, e, no momento em que não mais

Gráfico 1 – Percentual das principais respostas objetivas à pergunta: “Por que você mudou de grupo religioso?”



responder às necessidades do sujeito, ele não estará preso a nada que lhe impeça de recorrer a outras doutrinas que melhor se encaixem em sua realidade de vida.

Logo, uma mulher que antes era criada para seguir a tradição familiar, cuidando dos filhos, da casa e do marido, prosseguia no eixo religioso de seus pais vivendo os dogmas da igreja inquestionavelmente. Agora, pela quebra da tradição e pela revisão dos papéis de gênero, uma vez repensados seus valores na sociedade, desenvolve uma nova cosmovisão que altera sua relação familiar, sua forma de criar os filhos, de cuidar da casa e do marido e, inexoravelmente, sua forma de ver a religião, agora não mais dogmática inquestionável, mas como doutrina passiva de questionamentos e, se assim desejar, até de rejeição.

A identificação do modo como a sociedade contemporânea lida com a tradição é outro elemento que favorece a compreensão da transformação da própria sociedade. Giddens (1991: p. 14) afirma que “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social”, e isso foi tanto extenso quanto intenso dentro da sociedade global. E, ao se falar de tradição, é natural que logo se cheguem à mente os conceitos das instituições religiosas que, assim como a tradição, possuem memória, ritual, guardiães e uma força da comunidade que associa valores morais e emocionais em que o passado tradicional não é simplesmente preservado, mas continuamente reconstruído assimilando as demandas do presente. Pierucci (2004, p. 19)

destaca ainda que, na contemporaneidade, os indivíduos desencaixam-se de seus antigos laços tradicionais, ainda que lhes fossem suficientes, e seus vínculos sociais e culturais tornam-se objeto de crítica e revisão. Inexoravelmente, dentro do campo religioso, as religiões tradicionais são as que mais sofrem com isso.

Com a tradição, vivemos a repetição para que se coloque como verdade por si mesma. Essa postura é oposta à indagação racional proposta pela modernidade e, conseqüentemente, pela secularização, que tem como meta a substituição de valores pré-programados na sociedade por conteúdos da ciência e da razão. O destaque é que esse objetivo da condição moderna nada mais é que a retomada de sonhos de realizações plenas – antes oferecidos pela religião – pelos quais se ambiciona e promete um mundo de abundância e de paz para todos, porém, agora, lançando mão de inúmeros símbolos seculares (Giddens, 1997, p. 85; Hervieu-Léger, 2008, p. 39).

Os dados revelam que 53,3% dos entrevistados citaram outros grupos religiosos pelos quais passaram. Desse montante, 57,8% são mulheres, e 42,2%, homens. Os que declararam que não participaram de outro grupo religioso antes da Igreja Metodista somam 45%, dos quais 66,7% são mulheres, e 33,3%, homens.

Tabela 2 – Relação do trânsito religioso segundo o sexo

	Mulheres (%)	Homens (%)	Total	Total (%)
Participou de outro grupo	57,8	42,2	64	53,33
Não participou de outro grupo	66,7	33,3	54	45

Nesse movimento, um fato que se destaca é o valor que a família adquire na vida das mulheres metodistas uma vez que, das que mudaram de grupo religioso, 31,1% fizeram-no devido a questões relacionadas ao cônjuge ou aos filhos e às filhas, como enfermidade, desemprego ou problemas de relacionamento com os familiares. Para os homens, essa porcentagem foi de apenas 8,7%. Esse é um importante indicador da diferente socialização de gênero de homens e de mulheres. Enquanto

eles parecem vivenciar suas experiências religiosas mais desprendidos da família, as mulheres tendem a recorrer à religião para lidar com as inúmeras demandas que a família lhes impõe (cuidado com os filhos e as filhas, marido, outros parentes etc.).

Quanto às motivações de gênero que os levaram a buscar ou mudar de religião, 67,4% dos homens disseram que buscaram a religião, porque a família já pertencia ao grupo, e 84,2% mudaram de grupo religioso em função de questões pessoais, como enfermidade pessoal, problemas doutrinários e para viver melhor a fé. Já entre as mulheres, 63,5% também disseram que buscaram a religião, porque a família já pertencia ao grupo. Ao relacionarem as razões pelas quais mudaram de grupo religioso, 73,7% das mulheres mudaram em função de questões pessoais, como enfermidade pessoal, problemas doutrinários e para viver melhor a fé, um número considerável e que, embora percentualmente menor que o de homens com essa afirmativa, já demonstra uma maior preocupação das mulheres consigo mesmas, além do cuidado com seus familiares.

Tabela 3 – Motivos relatados para a busca da religião segundo o sexo

	Mulheres (%)	Homens (%)	Total (%)	
Família já pertencia	58,7	41,3	80	66,7
Solidão	71,4	28,6	14	11,7
Enfermidade pessoal	77,8	22,2	9	7,5
Problemas com cônjuge	100	0	6	5,0
Enfermidade de ente querido	60	40	5	4,2
Morte de ente querido	100	0	5	4,2
Desemprego de familiar	50	50	4	3,3
Enfermidade de cônjuge	100	0	3	2,5
Problemas de relacionamento	66,7	33,3	3	2,5
Enfermidade de filhos	100	0	2	1,7

Tabela 4 – Causas para o trânsito religioso em relação ao sexo

	Mulheres (%)	Homens (%)	Total (%)	
Problemas doutrinários	78,6	21,4	14	21,5
Enfermidade pessoal	66,7	33,3	6	9,2
Problemas de relacionamento	80	20	5	7,7
Solidão	60	40	5	7,7
Problemas com cônjuge	100	0	5	7,7
Enfermidade com ente querido	100	0	4	6,2
Desavença com liderança	100	0	3	4,6
Morte de ente querido	100	0	2	3,1
Enfermidade de cônjuge	100	0	1	1,5
Desemprego pessoal	0	100	1	1,5
Desemprego familiar	100	0	1	1,5

De qualquer maneira, podemos observar, a partir desses dados, que a família ainda continua sendo uma agência fundamental para a reprodução da tradição religiosa e, ainda, a razão pela qual a maioria – 66,7% de homens e mulheres – segue pelos caminhos da fé. Ainda com base nesses resultados, é possível afirmar que as mulheres até buscam mais a religião pensando em ajudar aqueles à sua volta, todavia, as razões pelas quais a maioria dessas mudou de grupo religioso segue a mesma lógica masculina: de autorrealização em questões de sua vida ou de sua crença.

Nesse contexto de descompromisso com a instituição, que leva a um contínuo trânsito de fiéis em busca de sentido para suas questões, Souza (2001, p. 162; 2006a, p. 25s) e Fonseca (2011, p. 8) observaram que as motivações para esse movimento religioso são encaradas pelos transeuntes, em um primeiro momento, de forma bem genérica como para “um maior aprofundamento espiritual”, “uma nova espiritualidade” ou “uma maior proximidade com o sagrado”. Todavia Souza (2006.b, p. 27) e Lemos (2006, p. 173) verificaram também que as pessoas ou escondem ou não têm consciência do fato preciso que as levaram a essa busca; homens e mulheres são movidos ao trânsito por motivos

personais, porém, com ênfases diferentes, que vão além dos relatados anteriormente. Enquanto homens caracterizam sua busca em função de seu próprio ego, as mulheres buscam, no trânsito, soluções para aqueles que estão à sua volta, sob sua “tutela”, como cônjuge e filhos.

Esses dados relacionam-se com o pensamento de Souza (2006, p. 27) que afirma que

As representações sociais acerca da mulher como cuidadora se confirmam (...). Ela é, em última instância, a responsável pelo bem-estar dos filhos e do marido, portanto, os problemas correspondentes a eles são transformados imediatamente em motivos de busca religiosa dessas mulheres.

De fato, as visões de mundo mostram-se diferenciadas quando observadas sob a perspectiva de gênero. Homens e mulheres enxergam o mundo e, obviamente, a religião de maneiras distintas. Outros dados da pesquisa que apontam para isso mostram que, entre os entrevistados, dos 88,3% que citaram uma personalidade que admiram, 24,5% citaram uma mulher, e 75,5% citaram um homem. Dos que citaram um líder religioso, 94% destacaram um homem, e apenas 6% citaram uma mulher.

Assim, observa-se que existe um imaginário social de responsabilidade da mulher sobre aqueles à sua volta; todavia, quando se pensa em alguém como referencial à vida, os indivíduos, inclusive as mulheres, trazem à mente, primeiramente, imagens masculinas que expressem pessoas pelas quais sentem admiração. Costa (2011, p. 101) afirma que esse fato dá-se devido à “interiorização da concepção de que um líder religioso está diretamente relacionado à figura do homem, varão, macho e masculino”. Assim, apesar da institucional ordenação de mulheres ao pastorado pela Igreja Metodista³, observa-se que a figura masculina do *homem de Deus* permanece bem presente no imaginário de seus membros.

Dessa forma, ainda é possível perceber na sociedade contemporânea alguns traços de uma organização tradicional sem, todavia, esquecer a afirmação de Lemos (2006, p. 82) de que “as fronteiras das construções sociais de sexo, que outrora pareciam sólidas e inabaláveis, estão em processo de deslocamento, o universo do gênero vem passando por transformações no mundo contemporâneo”.

³ A Igreja Metodista ordena mulheres desde a década de 70.

CONCLUSÃO

A complexa associação de temas e valores propostos pela modernidade, pela religião e, conseqüentemente, pelo trânsito religioso e pelas relações de gênero é desafio proposto pela sociedade contemporânea devido aos novos modos de vida que ela desenvolveu.

Esses desafios levam a constatações de que a religião permanece como um centro doador de sentido a essa sociedade descentralizada e pluricêntrica. Mulheres e homens, embora por razões distintas, seguem recorrendo à fé religiosa para solução de seus problemas cotidianos.

A religião, profundamente modificada para atender aos desafios modernos, segue, em alguns aspectos, mantenedora de uma tradição que ratifica costumes e relações de gênero, alguns até mesmo rejeitados pela sociedade contemporânea, contudo são vividos e repetidos por seus fiéis na esfera religiosa. Diante disso, o trânsito religioso mostra-se legitimado e valorizado pelos transeuntes fiéis que não encontram em um único espaço cültico todas as soluções para suas demandas.

Logo, a modernidade, a secularização, as relações de gênero, a família, as buscas, os anseios, as perdas e as dores são todos ingredientes que incrementam e motivam a relação do indivíduo moderno com o divino, e as experiências vividas nesse encontro são suficientes e poderosas para manter o campo religioso em permanente movimento.

REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. **Gênero e modernidade**: a construção pública do privado. 2008. p. 561-582. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/Sofia%20Aboim%20-%20Publica%C3%A7%C3%B5es%202008%20n%C2%BA3.pdf>. Acesso em: 3 set. 2013.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na Metrópole Paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 15-27, out., 2004. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/107/10705602/10705602.html>. Acesso em: 8 abr. 2011.
- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**. v. 15, n. 3, p. 92-101, jul., 2001.
- ALVES, Patrícia Cristina da Silva Souza. **“Todos os caminho levam a Deus”**: uma análise das motivações de gênero no trânsito religioso de pentecostais para a Igreja Metodista do Distrito Grande ABC. 2011. 149 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

BATISTA, Natalia Nunes Ferreira; CACCIAMALI Maria Cristina. Diferencial de salários entre homens e mulheres segundo a condição de migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 97-115, jan./jun. 2009.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p.19-32.

COELHO, Lázara Divina. Trânsito religioso: uma revisão exploratória do fenômeno brasileiro. **Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/6/11>. Acesso em: 22 de ago. 2011

COSTA, Emerson Ribeiro da. **O trânsito religioso e a recomposição das formas religiosas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério São Bernardo do Campo**. 2011. 136 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

FONSECA, Izabel Rubino. O trânsito religioso na universidade: um estudo de caso na Universidade Estadual de Maringá-PR. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH. Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá (PR), v. 3, n. 9, jan., 2011. ISSN 1983-2859. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 13 abr. 2011.

GIFFIN, Karen. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 103-112, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008. p. 238.

LEMONS, Fernanda. **Religião e modernidade**: uma análise de gênero do trânsito religioso de homens no contexto da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 182 p.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, maio-ago. 2005.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 412.

MARRAMAIO, Giacomo. **Céu e Terra**. Genealogia da secularização. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

MATOS, R. S.; MACHADO, A. F. Diferencial de rendimentos por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jun. 2006.

PORTELLA, Rodrigo. A religião na sociedade secularizada: urdindo as tramas de um debate. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2,

p. 33-53, 2008. Disponível em: <http://www.editoraufff.com.br/revista/index.php/numen/article/viewFile/1001/845>. Acesso em: 11 de abr. 2011

SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 20, p. 157-167, jan./jun. 2001

_____. Religião e secularização: o gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes. In: Souza, Sandra Duarte de (org.). **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006a. cap. 2. p. 29-43.

UNBEHAUM, Sandra. **Da teoria à ação pedagógica em diversidade sexual**. Entendendo o que é gênero. Disponível em: <http://www.prr3.mpf.mp.br/noticias/diversidade/textos/entendendogenero.pdf>. Acesso em: 3 set. 2013.